

Como Netanyahu Prolongou a Guerra em Gaza para se Manter no Poder

Reuniões secretas, registros alterados, inteligência ignorada: a história interna dos cálculos políticos do primeiro-ministro desde 7 de outubro.

By [Patrick Kingsley](#) [Ronen Bergman](#) and [Natan Odenheimer](#)

Patrick Kingsley é chefe do escritório de Jerusalém; Ronen Bergman é redator da revista baseado em Tel Aviv; e Natan Odenheimer é repórter do Times baseado em Jerusalém. Eles conversaram com mais de 110 funcionários em Israel, Estados Unidos e mundo árabe e revisaram dezenas de documentos, incluindo atas de reuniões, planos de guerra e registros judiciais.

11 de julho de 2025, atualizado às 13h14 ET

'Você não tem mais um governo'

Seis meses após o início da guerra na Faixa de Gaza, Benjamin Netanyahu estava se preparando para interrompê-la. Negociações estavam em andamento para um cessar-fogo prolongado com o Hamas, e ele estava pronto para concordar com um compromisso. Ele havia enviado um emissário para transmitir a nova posição de Israel aos mediadores egípcios. Agora, em uma reunião no Ministério da Defesa em Tel Aviv, ele precisava conseguir o apoio de seu gabinete. Ele manteve o plano fora da agenda escrita da reunião. A ideia era revelá-lo de repente, impedindo que ministros resistentes coordenassem sua resposta.

Era abril de 2024, muito antes de Netanyahu montar seu retorno político. A proposta na mesa teria pausado a guerra de Gaza por pelo menos seis semanas. Teria criado uma janela para negociações com o Hamas sobre uma trégua permanente. Mais de 30 reféns capturados pelo Hamas no início da guerra teriam sido libertados em semanas. Ainda mais teriam sido libertados se a trégua fosse estendida. E a [devastação de Gaza](#), onde cerca de dois milhões de pessoas estavam tentando sobreviver a ataques diários, teria chegado ao fim.

Encerrar a guerra teria então aumentado as chances de um acordo de paz histórico com a Arábia Saudita, o país mais poderoso do mundo árabe. Por meses, a liderança saudita havia sinalizado secretamente sua disposição para acelerar as conversas de paz com Israel — desde que a guerra em Gaza parasse. A normalização de relações entre os governos saudita e israelense, uma conquista que havia escapado a todos os líderes israelenses desde a fundação do estado em 1948, teria garantido o status de Israel na região, bem como o legado de longo prazo de Netanyahu.

Mas para Netanyahu, uma trégua também veio com risco pessoal. Como primeiro-ministro, ele liderava uma coalizão frágil que dependia do apoio de ministros de extrema-direita que [queriam ocupar Gaza](#), não se retirar dela. Eles buscavam uma guerra longa que acabaria

permitindo que Israel restabelecesse assentamentos judaicos em Gaza. Se um cessar-fogo chegasse muito cedo, esses ministros poderiam decidir [colapsar a coalizão governante](#). Isso provocaria eleições antecipadas que as pesquisas mostravam que Netanyahu perderia. Fora do cargo, Netanyahu estava vulnerável. Desde 2020, ele estava [sendo julgado](#) por corrupção; [as acusações](#), que ele negava, relacionavam-se principalmente a conceder favores a empresários em troca de presentes e cobertura favorável da mídia. Despojado do poder, Netanyahu perderia a capacidade de forçar a saída do procurador-geral que supervisionava sua acusação — como de fato seu governo [mais tarde tentaria fazer](#).

Enquanto o gabinete discutia outros assuntos, um assessor se apressou para a sala de reuniões com um documento resumindo a nova posição negociadora de Israel, colocando-o silenciosamente na frente de Netanyahu. Ele deu uma última lida, marcando vários pontos com sua caneta. O caminho para uma trégua apresentava perigo real, mas ele parecia pronto para seguir em frente.

Então [Bezalel Smotrich](#), seu ministro das finanças, interrompeu os procedimentos. Como jovem ativista em 2005, Smotrich foi detido por semanas — embora nunca acusado — sob suspeita de [conspirar para explodir veículos](#) em uma rodovia principal para retardar o desmantelamento de assentamentos israelenses em Gaza. Junto com [Itamar Ben-Gvir](#), o ministro da segurança nacional de extrema-direita, Smotrich era agora um dos defensores mais fortes no gabinete para restabelecer esses assentamentos. Ele havia recentemente pedido que a maior parte da população palestina de Gaza saísse. Agora, na reunião do gabinete, Smotrich declarou que havia ouvido rumores de um plano para um acordo. Os detalhes o perturbaram. "Quero que saibam que se um acordo de rendição como este for apresentado, vocês não têm mais um governo", disse Smotrich. "O governo está acabado."

Eram 17h44, de acordo com as atas da reunião. Naquele momento, o primeiro-ministro foi forçado a escolher entre a chance de uma trégua e sua sobrevivência política — e Netanyahu optou pela sobrevivência. Não havia plano de cessar-fogo, ele prometeu a Smotrich. "Não, não, não existe tal coisa", disse ele. E quando a discussão do gabinete prosseguiu, Netanyahu se inclinou silenciosamente para seus conselheiros de segurança e sussurrou o que deve ter se tornado óbvio para eles: "Não apresentem o plano."

'Uma ressurreição política'

A [guerra de 12 dias](#) com o Irã em junho foi amplamente entendida como um momento de glória para Netanyahu, que marca o culminar de um [retorno](#) duramente conquistado do ponto mais baixo de sua longa carreira política, quando ele supervisionou, em outubro de 2023, [a falha militar mais mortal](#) na história de Israel.

Mas no rescaldo deste aparente triunfo, um acerto de contas mais fatídico aguarda Netanyahu sobre a guerra em Gaza. O conflito achatou grande parte do território, matando [pelo menos 55.000](#) pessoas, incluindo combatentes do Hamas, mas também muitos civis, quase 10.000 deles crianças menores de 11 anos. Mesmo que as negociações finalmente ponham fim aos ataques de Israel nos próximos dias, já é a guerra de alta intensidade mais longa da história de Israel — mais longa que as guerras em torno de [seu estabelecimento em 1948](#), mais longa que

a [Guerra do Yom Kippur](#) que defendeu suas fronteiras em 1973 e muito mais longa, é claro, que a [guerra árabe-israelense de seis dias de 1967](#) que trouxe Gaza e a Cisjordânia sob seu controle.

Conforme a guerra se arrastou, a simpatia global que Israel ganhou no rescaldo do ataque mais mortal contra judeus desde o Holocausto se transformou em crescente ignomínia no cenário internacional. A Corte Internacional de Justiça está [pesando alegações](#) de que Israel cometeu genocídio. Na América, a falha do presidente Joseph R. Biden Jr. em acabar com a guerra [dividiu o Partido Democrata](#) e ajudou a [estimular a revolta](#) que trouxe o presidente Trump de volta ao poder. E em Israel, a guerra prolongada intensificou [amargos desentendimentos](#) sobre as prioridades da nação, a natureza de sua democracia e a legitimidade de Netanyahu como líder.



Palestinians outside Gaza City on June 16, after aid trucks loaded with food entered for the first time following a lengthy closure of the border. Credit...Saher Alghorra for The New York Times

Por que, depois de quase dois anos, a guerra ainda não chegou a uma conclusão definitiva? Por que Israel frequentemente rejeitou chances de desescalada, expandindo suas ambições militares para o [Líbano](#), para a [Síria](#) e agora para o [Irã](#)? Por que a guerra se arrastou, mesmo quando a liderança do Hamas foi [decapitada](#) e mais israelenses [pediram um cessar-fogo](#)? Para muitos israelenses, o prolongamento da guerra é principalmente culpa do Hamas, que se recusou a se render apesar do sofrimento inimaginavelmente grande dos palestinos. A maioria dos israelenses também vê a expansão da guerra para o Líbano e Irã como um ato essencial de autodefesa contra aliados do Hamas que também buscam a destruição de Israel. Mas muitos acreditam cada vez mais que Israel poderia ter [feito um acordo anterior](#) para acabar com a guerra, e eles acusam Netanyahu — que exerce autoridade suprema sobre a estratégia militar de Israel — de impedir que esse acordo fosse alcançado.

Para entender o papel que os próprios cálculos de Netanyahu desempenharam no prolongamento da guerra, conversamos com mais de 110 funcionários em Israel, Estados Unidos e mundo árabe. Esses funcionários — tanto apoiadores quanto críticos — todos se encontraram, observaram ou trabalharam com o primeiro-ministro desde o início da guerra e às vezes muito antes de ela começar. Também revisamos dezenas de documentos, incluindo registros de reuniões do governo, comunicações entre funcionários, registros de negociação,

planos de guerra, avaliações de inteligência, protocolos secretos do Hamas e documentos judiciais.

Por razões óbvias, uma das acusações mais sensíveis sobre a condução da guerra por Netanyahu é que ele a prolongou para seu próprio benefício político pessoal. Quer pensassem que ele o fez ou não, todos com quem conversamos concordaram em uma coisa: a extensão e expansão da guerra foi boa para Netanyahu. Quando a guerra começou em 7 de outubro de 2023 — o dia em que o Hamas e seus aliados mataram cerca de 1.200 pessoas, tanto civis quanto pessoal de segurança, e sequestraram cerca de 250 — [parecia destinada a acabar](#) com a carreira política de Netanyahu. A expectativa geral era que a guerra diminuiria no início de 2024, a coalizão de Netanyahu entraria em colapso e Netanyahu logo seria responsabilizado pelo desastre.

Em vez disso, Netanyahu aproveitou a guerra para melhorar sua sorte política, primeiro simplesmente para sobreviver e depois para triunfar em seus próprios termos. Quase dois anos após o ataque catastrófico a Israel, e ainda enfrentando acusações sérias de corrupção, ele tem uma boa chance de governar Israel até uma eleição geral programada para ocorrer até outubro de 2026, quando ele terá 77 anos — e ele bem poderia vencê-la.



A couple of weeks after the 2023 Hamas attack, Lea Yanai taped a photo of her sister, Moran Stela Yanai, to a wall in Tel Aviv, covered with people believed to be held hostage in Gaza. Credit...Tamir Kalifa for The New York Times

É claro que é impossível dizer que Netanyahu tomou decisões-chave em tempo de guerra inteiramente a serviço de sua própria sobrevivência política. Sua busca pessoal pelo poder está frequentemente inextricavelmente entrelaçada com patriotismo genuíno e a crença, que permeia suas declarações públicas, de que [só ele sabe](#) como melhor defender Israel. Além de seus próprios motivos, a guerra é um processo complexo e caótico com muitas variáveis diárias

que tomam um curso próprio. Como todos os primeiros-ministros israelenses, Netanyahu carece de controle executivo total sobre uma administração extensa cheia de facções e interesses concorrentes. Seus inimigos no Líbano e Irã representavam ameaças genuínas a Israel, e sua derrota fortaleceu a segurança israelense. E seu adversário em Gaza, o Hamas, [bloqueou ou atrasou](#) negociações de cessar-fogo durante trechos importantes da guerra, incluindo em um ponto no início do verão passado quando Netanyahu parecia mais disposto a alcançar uma trégua.

No entanto, para todas essas ressalvas, nossa reportagem nos levou a três conclusões inevitáveis. Nos anos que precederam a guerra, a abordagem de Netanyahu ao Hamas [ajudou a fortalecer](#) o grupo, dando-lhe espaço para se preparar secretamente para a guerra. Nos meses antes dessa guerra, o impulso de Netanyahu para minar o judiciário de Israel [alargou fissuras já profundas](#) dentro da sociedade israelense e [enfraqueceu seu exército](#), fazendo Israel parecer vulnerável e [encorajando o Hamas a preparar seu ataque](#). E uma vez que a guerra começou, as decisões de Netanyahu foram às vezes coloridas predominantemente por necessidade política e pessoal em vez de apenas necessidade militar ou nacional.

Através de seu escritório, Netanyahu recusou várias solicitações de entrevistas e não respondeu a uma lista detalhada das descobertas neste artigo.

Descobrimos que em estágios-chave da guerra, as decisões de Netanyahu estenderam os combates em Gaza por mais tempo do que mesmo a liderança militar sênior de Israel considerava necessário. Isso foi parcialmente resultado da [recusa de Netanyahu](#) — anos antes de 7 de outubro — de renunciar quando acusado de corrupção, uma decisão que lhe custou o apoio dos moderados de Israel e [até partes da direita israelense](#). Nos anos desde que seu julgamento, ainda em andamento, começou em 2020, ele construiu uma maioria frágil no Parlamento de Israel [forjando alianças com partidos de extrema-direita](#). Isso o manteve no poder, mas amarrrou seu destino às posições extremistas deles, tanto antes da guerra quanto depois que ela começou.



Netanyahu arriving in court in December for a session of his long-running corruption trial. Credit...Menahem Kahana/Associated Press Images

Sob pressão política desses aliados da coalizão, Netanyahu [desacelerou negociações de cessar-fogo](#) em momentos cruciais, perdendo janelas nas quais o Hamas estava menos oposto a um acordo. Ele [evitou planejar](#) uma transição de poder pós-guerra, tornando mais difícil direcionar a guerra para um fim. Ele prosseguiu com a guerra em abril e julho de 2024, mesmo quando os principais generais lhe disseram que não havia mais vantagem militar em continuar. Quando o impulso em direção a um cessar-fogo parecia crescer, Netanyahu atribuiu importância súbita a objetivos militares que anteriormente parecia menos interessado em perseguir, como a [captura da cidade sulista de Rafah](#) e depois a ocupação da [fronteira Gaza-Egito](#). E quando um cessar-fogo prolongado foi finalmente forjado em janeiro, ele quebrou a trégua em março, em parte para manter sua coalizão intacta.

O custo do atraso foi alto: a cada semana que passava, o atraso significava morte para centenas de palestinos e horror para milhares mais. Também significou que pelo menos oito reféns a mais morreram em cativeiro, aprofundando as divisões em Israel entre aqueles que buscavam um acordo de libertação de reféns acima de tudo e aqueles que pensavam que a guerra deveria continuar até que o Hamas fosse destruído. Atrasou o acordo saudita e manchou a imagem de Israel no exterior. E levou promotores da Corte Penal Internacional a [pedir a prisão de Netanyahu](#).

Mas para Netanyahu, as recompensas imediatas foram ricas. Ele acumulou mais controle sobre o estado israelense do que em qualquer outro ponto em seus 18 anos de mandato como primeiro-ministro. Ele preveniu com sucesso uma investigação estatal que investigaria sua própria culpabilidade, dizendo que as consequências devem esperar até que a guerra de Gaza termine, mesmo quando o [ministro da defesa](#), [chefe do exército](#), [espião doméstico](#) e vários [principais generais](#) foram demitidos ou renunciaram. Enquanto ele [comparece ao tribunal](#) até três vezes por semana para seu julgamento por corrupção, seu governo está agora se movendo para [demitir o procurador-geral](#) que supervisiona essa acusação. A continuação da guerra também fortaleceu sua coalizão. Deu-lhe tempo para planejar e executar seu ataque ao Irã. Acima de tudo, como até seus mais fortes apoiadores notam, manteve-o no cargo. "Netanyahu conseguiu uma ressurreição política que ninguém — nem mesmo seus aliados mais próximos — pensava possível", disse Srulik Einhorn, um estrategista político que faz parte do círculo íntimo de Netanyahu. "Sua liderança através de uma guerra prolongada com o Hamas e um ataque ousado ao Irã remodelou o mapa político. Ele está agora em uma posição forte para vencer eleições novamente."

Esta é a história interna, contendo muitos detalhes que nunca foram relatados anteriormente, do papel de Netanyahu nos eventos que levaram aos ataques de 7 de outubro e da maneira como seus cálculos políticos afetaram a condução da guerra que se seguiu. Revela como — em reuniões de gabinete, sessões a portas fechadas com seus principais conselheiros e telefonemas com aliados internacionais — Netanyahu tomou uma série de decisões que prolongaram uma guerra cataclísmica em parte para se manter no poder.

'A crise interna'

No final de julho de 2023, a diretoria de inteligência militar de Israel produziu um relatório alarmante que sintetizou todas as interceptações coletadas pela inteligência israelense nos meses recentes. Sua conclusão era terrível: Israel estava em grave perigo. O país estava

convulsionado por intenso tumulto doméstico sobre um plano divisivo, impulsionado pelo governo de Netanyahu, para exercer maior controle sobre o judiciário do país. Por meses, centenas de milhares de cidadãos, incluindo um número crescente de reservistas militares, haviam se juntado a protestos semanais contra o plano. O relatório disse que os principais inimigos de Israel — Hamas em Gaza, Hezbollah no Líbano e o governo no Irã — haviam observado as crescentes divisões dentro da sociedade israelense e particularmente das forças armadas. Agora esses inimigos estavam secretamente discutindo se Israel estava vulnerável o suficiente para atacar.

"Vou começar com a conclusão", escreveu o Brig. Gen. Amit Saar, o principal analista de inteligência do exército, em uma carta introduzindo o relatório. "O aprofundamento da crise interna, na minha opinião, corrói ainda mais a imagem de Israel, exacerba o dano à dissuasão israelense e aumenta a probabilidade de escalada."

Em 23 de julho de 2023, os protestos haviam [chegado a um clímax](#). Pelo menos 10.000 reservistas militares, incluindo dezenas de [pilotos de reserva](#) que formavam a espinha dorsal do corpo aéreo de Israel, haviam [ameaçado](#) parar de servir se Netanyahu prosseguisse com uma votação no Parlamento, planejada para o dia seguinte, para promulgar a [primeira parte da revisão](#).



Protesters in Tel Aviv in March 2023, after Netanyahu fired the minister of defense, Yoav Gallant, who had called on him to halt his proposed overhaul of Israel's judiciary. Credit...Ziv Koren/Polaris

Sentindo desastre, Herzi Halevi, o comandante-em-chefe das Forças de Defesa de Israel, tentou contatar Netanyahu, em um esforço não relatado anteriormente para fazer o primeiro-ministro ler as descobertas de Saar. Halevi e outros funcionários seniores, incluindo o ministro da defesa, haviam apresentado descobertas similares a Netanyahu em meses e semanas anteriores, sem sucesso. Este era o quarto aviso escrito que Saar havia enviado desde o início do ano, todos os quais haviam sido ignorados. Em março, Netanyahu até [demitiu](#) o ministro da

defesa, Yoav Gallant, por emitir um aviso público sobre os crescentes perigos, antes de [reverter sua decisão](#) sob pressão pública. Ainda assim, este novo relatório era tão terrível que Halevi decidiu tentar novamente.

O problema era que Netanyahu acabara de ser internado no hospital. Dias antes, ele desmaiou. Agora ele estava sendo [equipado com um marca-passo](#) em um centro médico fora de Tel Aviv. Halevi não tinha meios de alcançá-lo. Em vez disso, ele persuadiu o principal conselheiro militar de Netanyahu, Maj. Gen. Avi Gil, a levar a inteligência alarmante para a ala do primeiro-ministro. Eram 20h quando o assessor chegou — apenas 16 horas antes da coalizão de Netanyahu votar o projeto de lei no Parlamento.

Netanyahu sentou-se em seu pijama em uma mesa, cansado mas alerta. Gil apresentou-lhe a carta do general, resumindo seu conteúdo. Mas Netanyahu permaneceu imóvel. Sua aliança tinha duas facções que [viam a votação como uma prioridade máxima](#). Ultranacionalistas de extrema-direita, incluindo Bezalel Smotrich, viam a Suprema Corte como um obstáculo aos seus [esforços para aumentar o número de assentamentos israelenses](#) na Cisjordânia ocupada. Membros judeus ultra-ortodoxos, enquanto isso, ressentiam como o tribunal havia [pressionado para acabar](#) com a isenção do serviço militar de seus eleitores. Netanyahu não queria alienar esses aliados parando a legislação. Com o apoio deles, ele permaneceria primeiro-ministro. Sem eles, ele era meramente um parlamentar da oposição em julgamento por corrupção.

Momentos depois, Ronen Bar, chefe do Shin Bet, agência de inteligência interna de Israel, fez sua própria tentativa de pressionar Netanyahu. Bar também estava tentando sem sucesso alcançá-lo por dias. Sabendo que Gil estaria com Netanyahu naquela noite, Bar aproveitou o momento, ligou para o telefone criptografado de Gil e pediu a Gil para passar o aparelho para o primeiro-ministro. Uma vez que Netanyahu estava na linha, Bar disse-lhe que o país estava em um "ponto de crise" e enfrentava perigo iminente. Os detalhes não estavam claros, Bar disse, mas o perigo era real. "Estou dando-lhe um alerta estratégico para guerra", ele disse. "Não sei quando, e não sei onde, mas estou dando-lhe um aviso estratégico para guerra."

Netanyahu ficou novamente imóvel. Por anos, ele havia [encorajado](#) o governo do Qatar a enviar mais de US\$ 1 bilhão em ajuda econômica para Gaza, e ele estava confiante de que a estratégia havia lhe comprado paz no território. Em sua opinião, a agitação cívica israelense era o problema mais premente. "Lide com os manifestantes", Netanyahu disse a Bar.



Ronen Bar, who as head of the Shin Bet warned Netanyahu in July 2023 that Israel faced imminent danger. Credit...Ziv Koren/Polaris, for The New York Times

Quando a votação passou no dia seguinte, o efeito sobre o público israelense foi imediato. Mais confrontos eclodiram [naquela noite](#) entre apoiadores e críticos de Netanyahu, em um caso resultando em tiroteio. Reservistas militares [começaram a cumprir suas promessas de renunciar](#).

Dois dias depois, o Hamas fez sua própria avaliação da situação. Por muitos anos, seus líderes haviam planejado um grande ataque a Israel, e agora — como registraram nas [atas de uma reunião secreta](#) em Gaza liderada por Yahya Sinwar — era hora de colocar o plano em prática: "A condição do governo de ocupação e sua arena doméstica nos obriga a seguir em frente com uma batalha estratégica."

'Estamos em guerra'

Netanyahu soube pela primeira vez do ataque de 7 de outubro naquela manhã às 6h29, quando foi acordado por uma chamada WhatsApp de Gil, seu principal conselheiro militar. Foi uma troca breve. Quando sirenes de ataque aéreo soavam ao fundo, Gil disse a Netanyahu que o Hamas acabara de lançar algum tipo de ataque. Ele pediu ao primeiro-ministro para se despertar e prometeu ligar de volta em alguns minutos — desta vez no telefone criptografado de Netanyahu, que está configurado para gravar conversas para a posteridade.

Às 6h40, Gil ligou para essa linha segura com mais detalhes. Durante a noite, oficiais de inteligência haviam detectado dezenas de combatentes do Hamas inserindo cartões SIM israelenses em seus telefones, uma indicação de algum tipo de manobra iminente exigindo acesso às redes telefônicas israelenses. Comandantes [rastream essa atividade](#) durante a noite, assumindo que era um ensaio — movimentos similares no passado haviam se mostrado falsos alarmes. Desta vez, não era.

Gil parou de falar, e Netanyahu, em uma resposta que nunca foi relatada anteriormente, respondeu com uma série de perguntas: "O que aconteceu? Por que eles abriram fogo? Com o quê?"

"Não sabemos, Primeiro-Ministro", Gil respondeu.

"Não *por que*", Netanyahu disse. "*Com o que* eles estão atirando?"

"Por enquanto, eles dispararam barragens pesadas por todo o país", Gil disse, observando vários locais no centro e sul de Israel.

"Tudo bem", Netanyahu disse. "Podemos derrubar sua liderança?" No verão, Netanyahu havia resistido a um impulso de seus chefes de segurança para assassinar os líderes do Hamas com ataques aéreos. Agora, no calor da batalha, ele estava dando a ordem.

"O exército está começando isso agora", Gil respondeu, passando pelo estado das coisas e concluindo definitivamente, "Estamos em guerra."

Imediatamente, Netanyahu se voltou para a questão da responsabilidade. "Não vejo nada na inteligência", ele disse de forma pontual.



Kibbutz Be'eri on Oct. 28, 2023, 21 days after Hamas militants entered the kibbutz and killed roughly 100 residents. Credit...Ziv Koren/Polaris

Minutos após o início da guerra, esta foi a primeira dica de como Netanyahu tentaria prolongar sua vida política. Os chefes de segurança lhe haviam dado um aviso estratégico para guerra, mas Netanyahu foi cuidadoso em enfatizar nesta chamada gravada que não era especificamente sobre uma invasão frontal de Gaza.

Mais tarde na guerra, Netanyahu reclamaria publicamente que foi acordado muito tarde e que se apenas tivesse sido alertado mais cedo, a catástrofe teria sido evitada. A realidade é que uma vez que ele estava acordado, ele teve pouco efeito naquela manhã na resposta inicial de Israel. Gallant, o ministro da defesa, e Halevi, chefe do exército, comandaram a ordem imediata de batalha vários andares abaixo do quartel-general militar em Tel Aviv, em um centro de comando subterrâneo conhecido como o Poço.

Netanyahu visitou brevemente o Poço para uma atualização operacional por volta das 10h, mais de três horas após o ataque começar. Ninguém tinha uma compreensão clara da escala do que estava acontecendo no sul, em parte porque tantas bases militares haviam sido invadidas. Os comandantes em Tel Aviv pensavam que apenas cerca de 200 infiltradores haviam cruzado a fronteira. Na realidade, pelo menos 2.000 militantes — andando em picapes, motocicletas, lanchas e asa-deltas — haviam penetrado Israel [de cerca de 60 pontos](#) ao longo de uma fronteira de 37 milhas. Eles haviam atacado mais de 20 aldeias e bases do exército, [queimando casas e atirando em civis na rua](#), e avançado 15 milhas dentro de Israel. Eles haviam matado a tiros mais de 360 pessoas [em um festival de música](#) e estavam a caminho de sequestrar cerca de 250 reféns — incluindo cidadãos [árabes](#) de Israel e trabalhadores rurais [tailandeses](#).



Israeli soldiers on Oct. 11, 2023, shortly after the Hamas attack, beside a dining table still set for a family's Sabbath meal. Credit...Ziv Koren/Polaris

A primeira decisão substantiva de Netanyahu foi ordenar aos generais que bombardeassem Gaza com um novo nível de força. Ele ressurgiu após o briefing para gravar um [vídeo](#) para distribuição online. Em uma jaqueta escura e camisa branca de gola aberta, Netanyahu disse que havia instruído o exército a "retornar fogo em uma escala que o inimigo não conheceu. O inimigo pagará um preço sem precedentes." Logo depois, os generais relaxaram significativamente suas regras de engajamento, [expandindo o conjunto de alvos militares que seus subordinados poderiam atingir em ataques aéreos preventivos](#), enquanto aumentavam exponencialmente — às vezes por um fator de 20 — o número de civis que oficiais poderiam colocar em perigo em cada ataque. Quando Halevi mais tarde lhe disse que a força aérea havia atingido mil alvos em Gaza, Netanyahu o pressionou a atacar ainda mais rápido. "Mil?" Netanyahu disse desdenhosamente. "Quero 5.000."

O humor dentro de sua coalizão política e do alto comando militar era desanimado e até envergonhado, quando os líderes fizeram um balanço de como suas falhas e ações haviam levado Israel a este ponto. Preparando-se para briefar uma reunião de ministros, General Saar disse quase de passagem, e certamente com humor sombrio, que o Hamas fez seu movimento por duas razões — para interromper esforços pré-guerra para persuadir o Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman da Arábia Saudita a [forjar laços formais](#) com Israel e para punir esforços provocativos de ministros de extrema-direita para [entrincheirar o controle de Israel](#) sobre a Cisjordânia e um [local sagrado em Jerusalém](#). "Por que eles atacaram?" Saar perguntou retoricamente. "Por causa de Bin Salman e Ben-Gvir", ele respondeu.



Herzi Halevi, as head of the Israeli military, clashed frequently with Netanyahu. Credit...Ziv Koren/Polaris

Tendo passado nove meses ignorando ameaças externas para perseguir objetivos domésticos controversos, alguns ministros lutaram com o horror avassalador do momento, mesmo quando suas consequências políticas se avizinhavam. Yariv Levin, o ministro da justiça e arquiteto da

revisão judicial, sentou-se em uma escadaria chorando, de acordo com duas testemunhas incluindo Moti Babchick, um assessor ministerial sênior. (Através de um porta-voz, Levin negou ter chorado.) Em uma reunião de gabinete naquele dia, Bezalel Smotrich resumiu o humor. "Em 48 horas, eles pedirão nossas renúncias por causa desta bagunça", Smotrich disse. "E eles estarão certos."

No entanto, mesmo no nadir de sua carreira política, Netanyahu já estava traçando sua rota para a sobrevivência política. Ao longo dos próximos dias caóticos, o exército repeliu o ataque do Hamas, lidou com os infiltradores restantes do Hamas e [começou a planejar](#) uma invasão de Gaza. Em segundo plano, Netanyahu estava trabalhando em como trazer mais partidos para seu governo de coalizão.

Sua primeira chance veio quando Yair Lapid, seu principal oponente político, ofereceu formar um governo de unidade em tempo de guerra. Eles eram parceiros improváveis. Lapid havia se oposto ferozmente à tentativa de Netanyahu de neutralizar o judiciário. Ele também era muito mais aberto que Netanyahu à ideia de soberania palestina. No entanto, Lapid estava preparado para deixar essas diferenças de lado no interesse nacional — se Netanyahu concordasse em demitir Smotrich e Ben-Gvir, que uma vez foi condenado por apoiar um grupo terrorista judaico. Lapid temia que os líderes de extrema-direita tornariam mais difícil dirigir um caminho racional através da guerra. Era provável, mesmo então, que eles tentariam arrastar a guerra vindoura para servir seu sonho de anexar Gaza e reassentá-la com israelenses. Netanyahu recusou a exigência de Lapid. Ele sabia que uma vez que a guerra terminasse, a extrema-direita seria mais provável que Lapid a deixá-lo permanecer no poder.



Yair Lapid, the centrist politician and opposition leader, on Nov. 1, 2022, the day of Israel's most recent general election. Credit...Ziv Koren/Polaris

Netanyahu encontrou parceiros mais dóceis em 11 de outubro, quando o exército se preparava para atacar o Hezbollah, a poderosa milícia que era aliada do Hamas no Líbano. O Hezbollah, apoiado pelo Irã, havia estado disparando foguetes contra tropas israelenses desde o segundo dia da guerra. Líderes israelenses temiam que o grupo bem armado estivesse planejando uma invasão terrestre do norte. Gallant, trabalhando lá embaixo no Poço, estava pronto para executar um plano destinado a prevenir tal invasão: A Força Aérea Israelense decapitaria a liderança do Hezbollah em Beirute com uma barragem de ataques aéreos. Mas ele precisava que Netanyahu aprovasse. O problema era que Netanyahu não retornava suas ligações. Com os aviões no ar, Gallant foi pessoalmente ao escritório de Netanyahu. Ele encontrou Netanyahu focado em um assunto completamente diferente — política doméstica.

Sentados com Netanyahu estavam Benny Gantz e Gadi Eisenkot, ex-chefes militares centristas que haviam servido em papéis de liderança através de décadas de conflito. Minutos antes, Gantz e Eisenkot concordaram em trazer seu partido para a coalizão de guerra de Netanyahu. O acordo deu a Netanyahu uma tábua de salvação no momento mais fraco de sua carreira, assim como as primeiras pesquisas pós-7 de outubro estavam prestes a ser divulgadas, mostrando o que todos esperavam: o apoio ao partido de Netanyahu havia despencado. Ao contrário de Lapid, Gantz e Eisenkot se juntaram ao governo sem exigir a expulsão de Ben-Gvir e Smotrich. Ao fazê-lo, eles garantiram que a extrema-direita continuaria a moldar o curso de guerra do governo — enquanto permitia que Netanyahu agrupasse a culpa por qualquer coisa que desse errado. Netanyahu, Gantz e Gallant logo começaram a usar roupas pretas combinando, sublinhando um senso de destino compartilhado.

Quando os novos ministros se juntaram ao governo, caças israelenses já estavam circulando sobre o Mar Mediterrâneo, cerca de 30 milhas de Beirute. O novo gabinete precisava decidir: os pilotos deveriam prosseguir com o ataque?

Os Estados Unidos — o maior aliado de Israel, cujo apoio seria crucial para manter o esforço de guerra — aconselharam contra isso. Biden e seus conselheiros disseram que não haviam visto evidências de que o Hezbollah pretendia invadir Israel, e temiam que um ataque israelense provocasse uma escalada regional envolvendo o benfeitor do Hezbollah, o Irã. Netanyahu há muito buscava um pretexto para um ataque ao Irã, e um ano depois ele, seguindo uma [sequência de eventos não previstos](#) no Líbano, finalmente ousaria lançar um ataque total contra o Hezbollah e então subsequentemente atacar o Irã. Mas naquele estágio inicial da guerra — lutando por sua vida política, ansioso para sustentar o apoio de Biden e pessimista sobre as capacidades militares de Israel — um conflito multifrontal não era a prioridade ou intenção de Netanyahu.

Quando Netanyahu pesou o conselho de Biden contra a pressão de seus chefes militares, um anúncio alarmante focou sua mente. Sinais de radar sugeriram que drones ou parapentes do Hezbollah estavam voando sobre o norte de Israel. General Halevi instou os ministros a chegar a uma decisão. Os jatos estavam a 19 minutos de atacar Beirute, Halevi disse.

Assim como os ministros pareciam prestes a aprovar, um oficial chegou com uma nova atualização de inteligência. O radar havia sido mal interpretado. Os drones eram na verdade um bando de pássaros. O ataque foi cancelado, evitando — por enquanto — uma guerra mais ampla.

'Não sei o que fazer'

Ao longo dos meses de abertura da guerra, a sobrevivência de Netanyahu dependia de realizar um ato de equilíbrio quase impossível. Ele precisava fazer o suficiente para apaziguar Biden, cujo [apoio diplomático](#) e [assistência militar](#) eram essenciais para prolongar o esforço de guerra de Israel, enquanto fazia pouco para alienar a extrema-direita, de quem a carreira política de Netanyahu dependia. O desafio de agradar ambos ficou claro após a meia-noite de 17 de outubro, 10 dias após o ataque. Quatro andares abaixo do quartel-general militar em Tel Aviv, Netanyahu estava paralisado pela necessidade de escolher entre os desejos de uma delegação americana, sentada em uma sala subterrânea, e aqueles de seus ministros de gabinete, sentados em outra sala próxima.

Os americanos, [liderados pelo Secretário de Estado Antony J. Blinken](#), estavam pressionando Netanyahu a aliviar um bloqueio de Gaza que Israel havia imposto desde o início da guerra. Estoques de comida, remédios e combustível estavam acabando, e um desastre humanitário estava tomando forma. Biden estava se recusando a visitar Israel até que o bloqueio fosse aliviado. No entanto, a maioria dos membros do gabinete israelense estava pressionando Netanyahu a mantê-lo no lugar. Profundamente traumatizada pelas atrocidades cometidas em 7 de outubro, a sociedade israelense era amplamente oposta a qualquer gesto humanitário. Os aliados de extrema-direita de Netanyahu estavam entre os mais resistentes.

Netanyahu e Ron Dermer, um ministro do gabinete e seu conselheiro mais próximo, correram entre as duas salas, lutando para chegar a um compromisso. Para os americanos, Netanyahu parecia desesperado. Ele disse a eles que qualquer imagem de caminhões de ajuda entrando em Gaza colapsaria sua coalizão. Mexendo-se inquieto em seu assento, ele se voltou para Dermer. "Não sei o que fazer", ele disse. "Ron, você é criativo, venha com algo." Finalmente, por volta da 1h, após horas de negociações, Netanyahu capitulou — para os americanos. Por enquanto, sua necessidade do apoio de Biden superou seus interesses domésticos.



President Joseph R. Biden Jr. with Prime Minister Benjamin Netanyahu and his war cabinet in Tel Aviv on Oct. 18, 2023. Credit...Kenny Holston/The New York Times

O equilíbrio começou a mudar depois que Israel lançou uma invasão terrestre de Gaza no final de outubro de 2023. Tanto o governo Biden quanto os principais comandantes israelenses começaram a pressionar Netanyahu para começar a planejar como Gaza poderia ser governada depois que o Hamas fosse derrotado. No Iraque, os Estados Unidos haviam aprendido da maneira difícil que sem um plano pós-guerra, era difícil trazer guerras ao fim. No entanto, repetidamente em reuniões com funcionários americanos, Netanyahu evitou discussão detalhada sobre seu fim de jogo em Gaza. Quando funcionários diplomáticos e de defesa americanos de nível médio se encontraram com suas contrapartes israelenses, eles descobriram que os israelenses haviam sido proibidos pelo governo de discutir o futuro de longo prazo de Gaza.

Privadamente, os israelenses disseram que Netanyahu temia que tais planos desestabilizassem sua coalizão. Falar sobre governança pós-guerra significava discutir alternativas palestinas ao Hamas. Mas ministros como Smotrich e Ben-Gvir rejeitaram devolver Gaza a qualquer tipo de controle palestino. "Netanyahu não estava interessado em ter uma conversa séria sobre o dia seguinte", disse Ilan Goldenberg, um conselheiro do Oriente Médio para a vice-presidente Kamala Harris que estava envolvido nessas conversas. "Ele estava restringindo todo o seu sistema de fazê-lo porque sabia que forçaria tipos de conversas sobre controle palestino de longo prazo de Gaza que poderiam derrubar esta coalizão."

As frustrações americanas se intensificaram [após um breve cessar-fogo](#) no final de novembro de 2023, quando mais de 100 reféns foram libertados em um acordo que incluiu a libertação de 240 prisioneiros e detidos palestinos. Até então, a expectativa ampla dentro das hierarquias americana e israelense era que a operação de Israel começaria a diminuir até o final do ano e que outra trégua seria alcançada em semanas. Em vez disso, as conversas de trégua estavam

agora estagnadas. Netanyahu disse aos americanos que Israel precisava de mais tempo para capturar [Khan Younis, uma cidade-chave no sul de Gaza](#), porque os soldados israelenses lutando na cidade haviam descoberto que a rede de túneis do Hamas lá era [muito mais extensa do que esperado](#). Todo o tempo, o número de mortos palestinos estava aumentando, provocando acusações de genocídio, e cerca de quatro quintos dos gazenses haviam sido [forçados a fugir](#) de suas casas. Em 21 de dezembro, o número havia [passado de 20.000](#), incluindo tanto civis quanto combatentes.

Biden perdeu a paciência com Netanyahu dois dias depois. Smotrich, em sua capacidade como ministro das finanças, havia bloqueado fundos destinados à Autoridade Palestina, que administra partes da Cisjordânia, colocando-a em risco de falência. O governo da Noruega havia se oferecido para atuar como garantidor do dinheiro, a fim de desviar as alegações de Smotrich de que o dinheiro seria usado para financiar terrorismo. Após uma longa ligação, principalmente sobre Gaza, Biden pressionou Netanyahu a anular Smotrich e trabalhar com a Noruega. Se a Autoridade Palestina entrasse em colapso, a Cisjordânia poderia explodir com violência, criando ainda outra frente que beneficiaria apenas os extremistas de qualquer lado. Netanyahu hesitou, dizendo que a Noruega não poderia ser confiável. Biden perdeu a paciência. "Se você não pode confiar na *Noruega*", Biden disse, "então não há sentido em continuar a conversa." Biden desligou o telefone.

Conforme a guerra continuou no início de 2024, funcionários sêniores em Washington começaram a revirar os olhos sempre que Netanyahu ou sua equipe dizia que precisavam de "mais duas semanas" para completar um objetivo militar final. Estava claro para eles que Netanyahu estava procurando arrastar a guerra contra o conselho dos americanos e do alto comando militar israelense.



Israeli soldiers and Palestinians in Gaza in November 2023. Credit...Ziv Koren/Polaris

Se Netanyahu quisesse, uma nova trégua estava ao alcance — mediadores dos Estados Unidos, Egito e Qatar haviam [encontrado uma estrutura](#) que cobria as lacunas entre os lados. No campo de batalha, o exército estava à beira de completar seu plano de batalha inicial e estava se

preparando para retirar seus últimos reservistas de Gaza. Eisenkot, o ex-general centrista que se juntou ao gabinete em outubro de 2023, disse em uma [rara entrevista televisiva](#) que os reféns seriam libertados vivos apenas através de negociações e que Israel deveria priorizar sua libertação acima da morte de seus inimigos. Halevi recomendou à liderança política que eles selassem um segundo acordo de reféns. Ele viu pouco benefício imediato em capturar Rafah, uma cidade ao sul de Khan Younis, e queria que Israel pivotasse para a batalha de baixo nível com o Hezbollah em sua fronteira norte com o Líbano.

Mas sob pressão de Ben-Gvir e Smotrich, Netanyahu estava levando Israel em uma direção diferente. Ele voltou a usar terno e gravata, criando uma justaposição visual com os ministros centristas em seu gabinete, que ainda usavam suas roupas pretas. Ele começou a falar sobre alcançar "[vitória total](#)", um objetivo maximalista que parecia descartar a ideia de uma trégua rápida. Ele mudou suas táticas militares. Depois de dizer a funcionários americanos em outubro que Rafah não era um alvo, ele agora [começou a apresentar](#) sua captura como um imperativo estratégico. E nas conversas de cessar-fogo, Netanyahu começou a fazer novas exigências.

No campo de batalha, sem um fim de jogo para mirar, o exército israelense começou a andar em círculos, quase literalmente. Tropas começaram a se retirar de áreas que haviam capturado, permitindo que o Hamas restabelecesse controle. Semanas depois, tropas israelenses eram frequentemente forçadas a retornar, a fim de conter o ressurgimento do Hamas. O Hospital Al-Shifa na Cidade de Gaza, que Israel havia capturado e depois abandonado em novembro, foi o primeiro exemplo notável. Em março, tropas israelenses [retornaram para reocupar o hospital](#); a batalha subsequente o destruiu em grande parte. O número de mortos ultrapassou 30.000, e agências de ajuda alertaram sobre uma [fome iminente](#).

Quando Netanyahu chegou perto de comprometer, na preparação para a reunião de gabinete em abril de 2024 interrompida por Smotrich, ele reverteu o curso sob pressão da extrema-direita. Juntos, Smotrich e Ben-Gvir controlavam 14 dos 72 parlamentares na coalizão multipartidária de Netanyahu; sem eles, o partido de Netanyahu, Likud, ainda seria o maior partido no Parlamento, mas sua aliança mais ampla escorregaria abaixo dos 61 assentos necessários para uma maioria. Isso provavelmente teria provocado uma eleição antecipada, que as pesquisas sugeriam que Netanyahu, ainda atrás muito para Gantz e Eisenkot, perderia.



Itamar Ben-Gvir, center, and Bezalel Smotrich, right, attending the swearing-in ceremony for the new Israeli Parliament in November 2022. Credit...Maya Alleruzzo/Reuters

Funcionários americanos falharam em persuadir Netanyahu de que uma trégua poderia lhe ganhar favor em Israel. Em uma conversa com Netanyahu, funcionários da Casa Branca citaram pesquisas mostrando que mais de 50 por cento dos israelenses agora apoiavam um acordo de reféns em vez de guerra continuada.

"Não 50 por cento dos meus eleitores", Netanyahu respondeu.

'Vamos terminar isso'

Mesmo quando Netanyahu desafiou Biden e [enviou tropas para Rafah](#), os americanos continuaram tentando encontrar uma fórmula que pudesse tentá-lo a acabar com a guerra. O governo Biden, enfrentando [um Partido Democrata dividido](#) em um ano eleitoral presidencial, mal podia se dar ao luxo de ser visto abandonando Israel. Congelou [um carregamento de armas](#) mas acabou procurando usar mais cenoura que vara. Contra esse pano de fundo, Jake Sullivan, conselheiro de segurança nacional de Biden, voou para a Arábia Saudita em meados de maio para acelerar esforços para abrir os primeiros laços formais entre Jerusalém e Riad desde a fundação de Israel em 1948. Tal acordo havia estado [ao alcance](#) antes da guerra começar. A esperança americana era que se Riad pudesse ser persuadido a oferecer tal pacto, em troca do fim da guerra por Israel e prometendo soberania aos palestinos, Netanyahu poderia ser persuadido a decepcionar seus aliados de extrema-direita e concordar com uma trégua em Gaza.

Era a noite de sábado, 18 de maio de 2024, em Dammam, leste da Arábia Saudita. A indignação global com a devastação de Gaza por Israel estava em seu auge. Promotores da Corte Penal Internacional em Haia estavam [se preparando](#) para solicitar mandados de prisão para Netanyahu e Gallant, acusando-os de [usar a fome como método de guerra e dirigir intencionalmente ataques contra civis](#). O número de mortos relatado em Gaza havia acabado

de ultrapassar 35.000. Era um momento ruim para um líder árabe estar se movendo em direção a um relacionamento formal com o estado judaico. No entanto, nesta reunião, o Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman — o governante de fato da Arábia Saudita — se moveu firmemente nessa direção.

O acordo sob discussão era um arranjo triangular entre Riad, Jerusalém e Washington. Para normalizar laços com Israel, o Príncipe Mohammed queria concessões não apenas de Israel, mas também dos Estados Unidos. Sullivan havia voado para Dammam, perto da casa da Aramco, a companhia nacional de petróleo saudita, para ajustar aquelas partes do acordo que se relacionavam às relações bilaterais americano-sauditas.

O príncipe herdeiro chegou à reunião noturna focado e energizado. "Vamos terminar isso", ele disse aos americanos, abrindo uma pasta grossa cheia de documentos. Várias horas de discussões se seguiram, relacionadas principalmente a um tratado de defesa mútua entre Washington e Riad, no qual os dois países se comprometeriam a se defender mutuamente de ataques. Quando os líderes fizeram uma pausa para um jantar tardio por volta da meia-noite, muitas das questões pendentes haviam sido resolvidas. Mas o acordo precisava da adesão de Netanyahu, como os sauditas lembraram suas contrapartes americanas sobre a mesa de jantar. E isso exigia que Netanyahu parasse a guerra e se comprometesse com o princípio da soberania palestina.

No dia seguinte, Sullivan e sua equipe voaram para Israel para transmitir esta mensagem a Netanyahu. De repente havia uma nova janela de oportunidade para uma trégua em Gaza e talvez um fim para a guerra. Netanyahu não prometeu nada a Sullivan pessoalmente. Em dias, porém, Netanyahu silenciosamente começou a fazer movimentos práticos em direção a um cessar-fogo.

Em 22 de maio, ele finalmente aprovou o compromisso que havia abandonado um mês antes, ignorando ameaças dos ministros de extrema-direita. Dermer, seu braço direito, trabalhou até as primeiras horas da manhã seguinte com um dos negociadores de Israel, finalizando as concessões propostas de Israel. Eles removeram certas condições que o Hamas havia rejeitado anteriormente, incluindo restrições ao movimento civil durante a trégua. Eles se estabeleceram em linguagem que aceitava a retirada total de Israel de Gaza, embora gradual. E eles concordaram com uma promessa de que Israel começaria negociações para uma trégua permanente uma vez que o cessar-fogo temporário começasse. Em 27 de maio, a equipe de negociação israelense enviou por e-mail a posição revisada de Israel aos mediadores egípcios e do Qatar, que a receberam entusiasticamente. O palco estava montado para um cessar-fogo, contanto que o Hamas também cooperasse.

Mas o Hamas ainda queria a garantia de uma trégua permanente, não apenas a possibilidade de uma — eles queriam sobreviver à guerra e permanecer no comando de Gaza, um resultado inconcebível para muitos israelenses. Então outro mês se passou enquanto as negociações continuaram. Nos bastidores, a equipe de Netanyahu estava finalmente preparando um plano para Gaza pós-guerra. Dermer estava ampliando conversas secretas com os Emirados Árabes Unidos, outro estado do Golfo influente que já havia normalizado relações com Israel. Silenciosamente, Dermer e o ministro das relações exteriores emiratense, Sheikh Abdullah bin Zayed, estavam se encontrando em Abu Dhabi para discutir um plano conjunto para a governança pós-guerra de Gaza. Quando Dermer partiu para uma dessas reuniões no início de

julho, ele recebeu uma ligação de Netanyahu. Netanyahu disse-lhe que o Hamas finalmente havia suavizado sua posição negociadora. "Podemos ter um acordo", Netanyahu disse. Agora os negociadores de Israel precisavam disputar os detalhes finais antes que algo mais desse errado.

Ben-Gvir rapidamente interveio para garantir que isso acontecesse. Indignado que Netanyahu havia se recusado a lhe enviar o texto preliminar do cessar-fogo, ele se dirigiu sem aviso aos escritórios de Netanyahu em Jerusalém, argumentando sua entrada com um grupo de assessores. Cercado por um bando de conselheiros, Ben-Gvir ruidosamente se dirigiu ao "Aquário", a área no segundo andar que abriga o escritório pessoal de Netanyahu. Netanyahu se recusou a sair. Ben-Gvir se voltou para as redes sociais para condenar [o que ele descreveu](#) como "um acordo imprudente", acrescentando, ominosamente, que estava "trabalhando para garantir que o primeiro-ministro tenha a força para não se dobrar."

Uma cúpula para finalizar o acordo estava [marcada para 28 de julho](#) — na casa rural do embaixador do Qatar na Itália, uma vila nos arredores de Roma. David Barnea, negociador-chefe e chefe de espionagem de Israel, foi acompanhado lá por Bill Burns, diretor da C.I.A. americana; Sheikh Mohammed bin Abdulrahman al-Thani, primeiro-ministro do Qatar; e Abbas Kamel, chefe de espionagem egípcio. A maioria dos mediadores chegou assumindo que estava lá para fechar o acordo. Barnea, no entanto, não. Parecendo envergonhado e apoloético, ele distribuiu cópias de uma carta que mais uma vez descarrilou o processo.

O documento estabeleceu seis novas exigências de Netanyahu. A exigência mais problemática dizia respeito à fronteira Gaza-Egito, às vezes referida como o corredor de Philadélfia. Em maio, Netanyahu havia concordado com uma estrutura que sugeria que tropas israelenses se retirariam daquele corredor durante qualquer trégua. Agora, contra o conselho dos chefes militares e de inteligência israelenses, ele estava se recusando a deixá-lo. O ar saiu da sala. Essas eram quebras de acordo que o Hamas já havia rejeitado em maio. A reunião se desfez logo depois, fechando outra janela para um cessar-fogo.



A "humanitarian corridor," created for the passage of people and supplies, in Gaza in November 2023. Credit...Ziv Koren/Polaris

Dentro de dias, uma sequência de ataques em Israel, Líbano e Irã tornou um acordo ainda menos provável. Primeiro, um foguete do Líbano [matou 12 crianças e adolescentes árabes](#) em uma cidade controlada por Israel nas Colinas de Golã, uma área que Israel capturou da Síria durante a guerra de 1967. Netanyahu retaliou ordenando um ataque a [um comandante superior do Hezbollah](#) em um subúrbio nos arredores de Beirute. Horas depois, Netanyahu também aprovou o [assassinato](#) do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, enquanto ele visitava o Irã. Em vez de um acordo em Gaza, a região agora parecia à beira de uma guerra total entre Israel e o eixo liderado pelo Irã.

Furioso com a crescente confusão, Biden mais uma vez atacou Netanyahu em uma ligação telefônica em 1º de agosto. "Pare de me enganar", ele disse.

'O chefe está satisfeito'

Desde os primeiros dias da guerra, Netanyahu lutou, tanto publicamente quanto nos bastidores, para desviar a culpa pelo ataque de outubro para o establishment de segurança. Enquanto os combates ainda se inflamavam no sul de Israel, a equipe de Netanyahu informou influenciadores e comentaristas simpáticos de que eram os generais que deveriam levar a culpa pela pior falha de defesa de Israel. Era o exército que falhou em 7 de outubro, Jacob Bardugo, um comentarista líder de direita que é próximo a Netanyahu, disse em um programa de TV em 8 de outubro de 2023. "O tempo de acerto de contas virá depois, mas a narrativa deve ser cimentada", ele disse. "Onde estava a força aérea por cinco a seis horas ontem?"

Dentro de semanas, Netanyahu estava fazendo o mesmo argumento. "Sob nenhuma circunstância e em nenhum estágio o Primeiro-Ministro Netanyahu foi avisado de intenções de

guerra por parte do Hamas", ele [escreveu](#) em uma longa diatribe postada em sua conta oficial no X, apenas dias após o exército invadir Gaza no final de outubro de 2023. "Pelo contrário, a avaliação de todo o escalão de segurança, incluindo o chefe da inteligência militar e o chefe do Shin Bet, era que o Hamas estava dissuadido", Netanyahu acrescentou. Horas depois, após oponentes o acusarem de fomentar desunião em um momento crítico, ele deletou o post.

Mas nos bastidores, ele e seus assessores próximos continuaram a manter o olho em seu legado histórico e a encontrar maneiras de minar seus contemporâneos. No mesmo mês, seu chefe de gabinete, Tzachi Braverman, requisitou transcrições de discussões de segurança classificadas sobre Gaza desde 2021. O movimento contrariou o protocolo do governo e foi interrompido após uma intervenção do procurador-geral. Foi percebido como um empurrão por material que se provaria embaraçoso para os rivais de Netanyahu. Um advogado de Braverman disse que ele nunca recebeu os documentos e sua intenção ao requisitá-los não era maliciosa.

Ao mesmo tempo, os assessores de Netanyahu tentaram impedir o vazamento de conversas que poderiam se provar problemáticas para ele. Primeiro eles ordenaram ao exército que desligasse uma máquina que fazia gravações oficiais de reuniões entre Netanyahu e os generais. Mais tarde em outubro, essas reuniões foram movidas para outra sala sem dispositivo de gravação permanente, permitindo que os assessores de Netanyahu usassem seus próprios dispositivos para gravar as reuniões, mesmo impedindo o exército de fazer suas próprias gravações. Eles ordenaram aos guardas de Netanyahu que revistassem generais incluindo Halevi, o chefe do exército, procurando microfones escondidos.

Então veio uma intervenção ainda mais descarada: Braverman instruiu arquivistas a alterar os registros das conversas telefônicas de Netanyahu em 7 de outubro. De acordo com uma reclamação escrita sobre suas ações, Braverman insistiu que os arquivistas alterassem o carimbo de tempo para a segunda ligação de Netanyahu naquele dia. Na realidade, ela começou às 6h40. Braverman exigiu que mudasse para 6h29, o tempo da primeira ligação não gravada que alertou Netanyahu para o ataque. Para funcionários informados sobre a mudança, [que permanece objeto de uma investigação legal](#), parecia que Braverman queria que futuros historiadores concluíssem que a primeira resposta de Netanyahu ao ataque de 7 de outubro foi a conversa mais longa em seu telefone criptografado na qual ele decisivamente direcionou Gil a assassinar os líderes do Hamas. O advogado de Braverman disse que ele não tinha motivo ulterior e simplesmente mal entendeu quando a ligação foi feita.

Conforme a guerra se arrastou, a necessidade de mudar a culpa parecia se intensificar. O exemplo mais revelador da operação de influência de Netanyahu contra companheiros israelenses veio no final de agosto de 2024, quando ele tentou conter a crescente fúria doméstica sobre sua falha em negociar um cessar-fogo. Em 31 de agosto, soldados israelenses encontraram os corpos de [seis reféns mortos](#) em um túnel no sul de Gaza. Militantes do Hamas atiraram e os mataram dias antes de fugir do avanço israelense. A descoberta causou uma [erupção de indignação](#) em Israel — contra Netanyahu tanto quanto contra o Hamas. Alguns dos reféns mortos já teriam sido libertados se Netanyahu tivesse prosseguido com um cessar-fogo em julho. Centenas de milhares de manifestantes se reuniram por todo o país. Uma multidão irritada rompeu as linhas policiais perto da residência particular de Netanyahu em Jerusalém, implorando-lhe para comprometer antes que mais reféns fossem assassinados em Gaza.



On Sept. 1, 2024, Israel woke up to the news that the bodies of six Israeli hostages, slain by Hamas, had been found in Gaza. People filled the streets to demand a deal to release the remaining living hostages. Credit...Ziv Koren/Polaris

A equipe de Netanyahu rapidamente se moveu para desacreditar os protestantes na mídia. Eli Feldstein, um porta-voz contratado pelo escritório de Netanyahu no início da guerra, liderou esse esforço tentando vaziar o conteúdo de um documento sensível para a imprensa. O documento em questão era um memorando estratégico, escrito por um oficial de inteligência do Hamas, que havia sido interceptado pelo exército israelense. O texto havia sido um segredo bem guardado dentro do exército israelense porque sua publicação poderia revelar ao Hamas como Israel monitora suas comunicações. Feldstein havia sido vazado o papel por um contato no exército que sentiu que poderia beneficiar Netanyahu.

O memorando era um documento complexo difícil de resumir. Parte dele sugeria que o Hamas estava disposto a comprometer nas conversas de cessar-fogo. Uma segunda seção disse que o Hamas deveria usar guerra psicológica para perturbar as famílias de reféns israelenses, aumentando assim a pressão sobre o governo israelense para fazer suas próprias concessões nas negociações. Para a equipe de comunicações de Netanyahu, esta segunda parte era a parte útil do documento. Se publicado na mídia, poderia ser citado por Netanyahu para argumentar que aqueles demonstrando por um cessar-fogo eram os lacaios inconscientes do Hamas.

O desafio para Feldstein era que era impossível vaziar tal documento para uma mídia israelense. Jornalistas israelenses devem enviar seu trabalho ao departamento de censura do exército antes da publicação. Depois que o censor se recusou a aprovar o artigo para publicação em Israel, Feldstein decidiu enviar o material para uma mídia estrangeira. Feldstein perguntou a Jonatan Urich, chefe de comunicações de Netanyahu, quem poderia ajudar com a publicação no exterior. Urich sugeriu Srulik Einhorn, o ex-estrategista de Netanyahu. Logo depois, Einhorn enviou uma tradução do documento para Bild, um jornal alemão de direita amplamente lido com o tom de um tabloide. Em 6 de setembro, Bild [publicou trechos](#) do documento, ignorando

partes que sugeriam que o Hamas estava aberto a um cessar-fogo. Em vez disso, Bild usou o documento para acusar o Hamas de "tortura psicológica bárbara com apenas um objetivo: fazer os parentes dos reféns tão desesperados que farão QUALQUER COISA para libertar seus entes queridos, mesmo que isso signifique ir contra seu próprio governo."

"O chefe está satisfeito", Urich mandou mensagem para Feldstein, e logo ficou claro por quê. Dois dias depois, em 8 de setembro, Netanyahu citou o artigo do Bild para argumentar que seus críticos estavam inconscientemente fazendo o jogo do Hamas. "No fim de semana passado", Netanyahu disse em um [discurso](#) para seu gabinete, "o jornal alemão Bild publicou um documento oficial do Hamas que revelou seu plano de ação: semear discórdia entre nós, usar guerra psicológica nas famílias dos reféns, aplicar pressão política interna e externa sobre o governo de Israel, nos dilacerar por dentro."

A retórica de Netanyahu venceu. Os protestos se dissiparam, e a pressão por um cessar-fogo diminuiu. Para Netanyahu, foi o início de uma sequência notável de vitórias que ajudaram a restaurar parte de seu prestígio perdido, garantir sua coalizão e estender sua vida política. Primeiro ele supervisionou uma derrota impressionante do Hezbollah na qual Israel [dizimou a liderança do grupo](#), [reduziu sua influência](#) sobre a sociedade libanesa e destruiu muito de seu arsenal. Então, em uma breve batalha com o Irã [em outubro de 2024](#) que precedeu o conflito total deste junho, Israel conseguiu destruir muito do [sistema de defesa aérea iraniano](#) — minando significativamente a ameaça iraniana. Em Gaza, um encontro casual completou uma sequência extraordinária de sorte para Israel e Netanyahu. Durante uma escaramuça com combatentes do Hamas no sul de Gaza em meados de outubro, soldados israelenses descobriram que haviam [matado Yahya Sinwar](#), o líder do Hamas em Gaza e um arquiteto-chave do ataque de 7 de outubro. Com o Hezbollah e o Irã enfraquecidos pelos ataques de Israel, [nenhum dos dois pôde proteger](#) o Presidente Bashar al-Assad da Síria de um avanço rebelde no início de dezembro, levando à expulsão de outro inimigo de longa data de Israel.

Quando Netanyahu [finalmente subiu ao banco dos réus](#) em seu julgamento por corrupção dois dias depois — pela primeira vez desde que a polícia começou a investigá-lo em 2016 — ele parecia e soava como se estivesse se divertindo. Seu discurso ao tribunal parecia quase uma catarse: uma chance não apenas de se defender contra as acusações de corrupção, mas também de apresentar o futuro do estado como dependente do seu próprio. "Estou chocado com a magnitude desta absurdidade", Netanyahu disse ao tribunal. "Eu sou o primeiro-ministro, estou dirigindo um país, estou dirigindo uma guerra", ele continuou. "Não estou me ocupando com meu futuro, mas sim com o do estado de Israel."

'Todo esse processo não é legal'

O maior impulso político doméstico de Netanyahu veio em setembro de 2024, quando Gideon Saar, um líder da oposição, concordou em fortalecer a maioria de Netanyahu [trazendo seu pequeno partido](#) para a coalizão governante. De repente ficou muito mais difícil para Ben-Gvir e Smotrich fazer ultimatos: o governo sobreviveria mais facilmente se um ou outro partisasse.

Com muito maior espaço para manobrar, Netanyahu finalmente [concordou com uma trégua](#) em janeiro de 2025 — [encorajado](#) pelo presidente Trump recém-chegado e seu enviado para o Oriente Médio, Steve Witkoff. O texto do acordo era quase idêntico à versão que Netanyahu

rejeitou no abril anterior. Ben-Gvir renunciou em protesto, levando seu pequeno grupo de parlamentares com ele. Mas com Saar a bordo, Ben-Gvir não era mais essencial para a sobrevivência de Netanyahu — pelo menos por enquanto.



Netanyahu shaking hands with Bezael Smotrich on June 12 while Gideon Saar (red tie) looks on. Credit...Ziv Koren/Polaris, for The New York Times

Em março, porém, o cálculo político de Netanyahu mudou mais uma vez. Membros da coalizão ultra-ortodoxos estavam ameaçando derrubar o governo, irritados com a falta de concessões para sua comunidade em um novo orçamento nacional. Ben-Gvir se ofereceu para retornar para manter a aliança de Netanyahu funcionando, contanto que a guerra retomasse. Em 18 de março, a Força Aérea Israelense [começou](#) um grande bombardeio de Gaza, quebrando o cessar-fogo. Um dia depois, Ben-Gvir retornou à coalizão. O orçamento de Netanyahu [passou](#). O governo sobreviveu. A guerra continuou.

Então começou a tomada de poder. Comparando-se a Trump, Netanyahu reviveu a controversa revisão judicial, avançando planos — descarrilados pela eclosão da guerra — para dar aos políticos [maior controle](#) sobre a nomeação de juízes para a Suprema Corte. Acima de tudo, ele procurou demitir ou restringir funcionários que ou ameaçavam seu futuro pessoal ou bloqueavam as políticas de seu governo. "Na América e em Israel quando um líder forte de direita vence uma eleição, o Estado Profundo esquerdista militariza o sistema de justiça para frustrar a vontade do povo", ele [escreveu em março no X](#). "Eles não vencerão em nenhum dos dois lugares!"

Ronen Bar, o diretor do Shin Bet, foi o primeiro na mira. Em 20 de março, o dia após Ben-Gvir retornar, Netanyahu convocou uma reunião de gabinete para demitir Bar. Os ministros se reuniram em torno de uma longa mesa de madeira na sala do gabinete em Jerusalém, sob um retrato de Theodor Herzl, o pai fundador do sionismo, e uma cópia da declaração de independência de Israel. Então Netanyahu deu um discurso que equivaleu a uma declaração de guerra contra as instituições fiscalizadoras do estado israelense.

Netanyahu apresentou a decisão de demitir Bar como profissional. Ele aludiu a como Bar falhou em prevenir o ataque de 7 de outubro, e apesar de detectar sinais de uma ameaça iminente, também falhou em acordar Netanyahu nas horas antes do ataque ocorrer. Conforme a guerra prosseguiu, Netanyahu disse, Bar falhou em representar adequadamente os interesses de Israel na diplomacia de bastidores na qual esteve envolvido durante toda a guerra. Finalmente, Netanyahu acrescentou, Bar ultrapassou sua autoridade profissional ao pedir uma comissão estatal de inquérito sobre as falhas de 7 de outubro. "Não tenho confiança pessoal ou profissional na habilidade do diretor do Shin Bet", Netanyahu disse aos ministros.



President Trump sending off Netanyahu after their meeting at the White House in April. Credit...Haiyun Jiang/The New York Times

No entanto, Netanyahu havia omitido um detalhe-chave: sua decisão de demitir Bar representava um conflito de interesse. Por meses, Bar havia estado investigando vários assessores de Netanyahu, e Netanyahu estava tentando demitir Bar antes que essas investigações terminassem. Duas das investigações centravam-se no documento vazado para Bild, o jornal alemão. Outra investigação era sobre se Feldstein, Einhorn e Urich, diretor de comunicações de Netanyahu, todos haviam sido pagos por um lobista do Qatar enquanto trabalhavam para o governo israelense. Separadamente, o Shin Bet estava avaliando se o ministério de Ben-Gvir, que supervisiona a polícia, havia sido infiltrado por apoiadores de um grupo terrorista judaico — mesmo quando a [polícia estava investigando](#) a alteração dos registros telefônicos de Netanyahu da manhã de 7 de outubro.

Na discussão do gabinete, que é relatada aqui pela primeira vez com tanto detalhe, Netanyahu e seus ministros ignoraram tudo isso. Cada um falou sem hesitação apoiando a demissão de Bar. Smotrich foi ainda mais longe. De acordo com as atas da reunião, ele pediu que o Shin Bet fosse despojado de sua exigência obrigatória de proteger as instituições democráticas de Israel:

"É hora de remover a proteção da democracia da lei do Shin Bet. O povo protege a democracia", ele disse. (Através de um porta-voz, Smotrich disse que foi mal citado e que simplesmente quis dizer que o Shin Bet deveria se focar mais na segurança e se intrometer menos em casos judiciais.)

No final, apenas uma pessoa falou contra a proposta — Procuradora-Geral Gali Baharav-Miara, uma funcionária civil que supervisiona ações do estado, aconselha o governo Netanyahu sobre se suas ações são legais e tem [regularmente determinado](#) que não são. Baharav-Miara foi clara: ao tentar demitir Bar, Netanyahu enfrentava um conflito de interesse. "Todo esse processo não é legal", ela concluiu. Netanyahu a ignorou e se voltou em vez disso para o ministro da justiça, Yariv Levin. "Você precisa lidar com a procuradora-geral confrontativa", ele disse a Levin. O vice de Baharav-Miara, Gil Limon, interveio para defender sua chefe. Como a procuradora-geral supervisiona a acusação de Netanyahu, Limon lembrou aos ministros, o primeiro-ministro está pessoalmente proibido de tomar ação disciplinar contra ela. Netanyahu o ignorou, a [votação prosseguiu](#) e o gabinete unanimemente decidiu demitir Bar.

Três dias depois, o gabinete unanimemente aprovou um voto de desconfiança em Baharav-Miara, o primeiro passo em um processo de meses para sua demissão. O governo apresentou abertamente isso como uma tentativa de remover uma funcionária independente que havia repetidamente bloqueado suas decisões por motivos legais. Outros também viram um motivo ulterior: prevenir a prisão de Netanyahu. Uma nova e maleável procuradora-geral poderia lhe oferecer um acordo favorável de confissão de culpa nos procedimentos de corrupção. Enquanto Netanyahu comparece ao tribunal até três vezes por semana, seu governo está simultaneamente tentando demitir a pessoa que detém uma das chaves para sua liberdade.

Encorajado e empoderado, Netanyahu escolheu este momento para se preparar para uma das missões militares mais arriscadas na história israelense. Por décadas, Netanyahu havia sonhado em destruir o programa nuclear do Irã. Durante um mandato anterior como primeiro-ministro, ele [planejou mas acabou cancelou](#) um grande ataque ao Irã, em meio a preocupações de que o exército poderia lutar para realizar tal feito. No início da guerra, ele cancelou um ataque ao Hezbollah, em meio a temores de que começaria um conflito regional com o aliado do Hezbollah, o Irã. Durante 2024, Israel trocou golpes esporádicos com o Irã mas [evitou guerra total](#).



Damage in Tehran on June 26, following airstrikes by Israel. Credit...Fateme Bahrami/Getty Images

Agora, enquanto travava uma guerra interna contra seus críticos domésticos, era hora de abrir outra frente no exterior. O Irã estava em uma posição incomumente vulnerável. Seus aliados regionais foram derrotados ou enfraquecidos, e suas próprias defesas aéreas foram danificadas pelos ataques israelenses únicos anteriores. E o relógio estava correndo: Trump havia começado [negociando com o Irã](#) para conter seu programa nuclear, e — como todos os presidentes americanos antes dele — ele [se opôs](#) a um ataque. Se um acordo fosse alcançado, a janela poderia se fechar inteiramente.

Mas conforme as negociações se arrastaram, [Trump começou a reconsiderar](#). No início de junho, Netanyahu decidiu prosseguir com um ataque. Tendo presidido sobre o pior fracasso na história militar de Israel, Netanyahu estava se aproximando da redenção política.

No entanto, antes dos aviões de guerra decolarem para o Irã, Netanyahu precisava resolver um problema em casa. Vários parlamentares em sua frágil coalizão, ignorantes dos planos secretos, estavam prontos para derrubar seu governo. Como na crise em março, os parlamentares eram judeus ultra-ortodoxos, conhecidos em hebraico como Haredim. Desta vez, eles estavam furiosos com propostas para acabar com a isenção do serviço militar para a minoria ultra-ortodoxa. Eles planejavam se juntar à oposição em uma votação para dissolver o Parlamento, provocando novas eleições, e a votação parecia prestes a passar. Como primeiro-ministro interino, Netanyahu ainda poderia ordenar o ataque ao Irã, mas sua legitimidade seria minada.

Enquanto a liderança ultra-ortodoxa considerava derrubar o governo, Mike Huckabee, embaixador de Trump em Israel, veio em auxílio de Netanyahu. Ele convidou políticos ultra-ortodoxos para a Embaixada dos EUA em Jerusalém, avisando-os em termos gerais que suas manobras arriscavam colocar em perigo a luta de Israel contra o Irã. Ele também disse-lhes que o apoio americano para a campanha de Israel diminuiria se o governo entrasse em colapso,

porque os Estados Unidos estariam menos dispostos a apoiar grandes movimentos de um líder interino.

Alguns dias depois, na segunda-feira, 9 de junho, Netanyahu fez o tipo de manobra política que lhe permitiu sobreviver por tanto tempo como primeiro-ministro de Israel com o mandato mais longo. Sentado em seu pequeno escritório no quartel-general do exército em Tel Aviv, onde ele passa parte da semana, Netanyahu pediu a um assessor para ligar para Moshe Gafni, líder de um dos partidos ultra-ortodoxos inquietos em sua coalizão. Uma vez que Gafni atendeu, o assessor entregou o telefone para Netanyahu, que convocou Gafni para encontrá-lo imediatamente.



Netanyahu in Jerusalem, waiting to meet President Javier Milei of Argentina for a signing of memorandums on June 12. Credit...Ziv Koren/Polaris, The New York Times

Depois que Gafni chegou ao escritório por volta das 18h, ele foi apresentado com uma folha de papel e instruído a assiná-la. Este era um acordo de confidencialidade, frequentemente usado no exército israelense, que obriga o signatário a manter um segredo militar. Qualquer pessoa informada sobre informações altamente sensíveis em Israel é obrigada a assinar tal documento, que permite ação legal contra aqueles que vazam informações classificadas. Gafni assinou — e Netanyahu revelou o plano para atacar o Irã em quatro dias.

Gafni saiu da sala preocupado. Ele se perguntou se Netanyahu, o político consumado, estava o manipulando. Ele também temia que Netanyahu fosse de fato sincero e que um voto para dissolver o Parlamento pudesse impedir que esse ataque histórico prosseguisse. Dois dias depois, o partido de Gafni votou para preservar o governo, e [Netanyahu sobreviveu como primeiro-ministro](#). Menos de 24 horas depois, aviões de guerra israelenses partiram para o Irã, começando o maior episódio da carreira política de Netanyahu.

A manobra de múltiplas frentes mostrou Netanyahu no auge de seus poderes políticos. Destacou sua busca constante para garantir sua sobrevivência política apaziguando e manipulando aliados dentro de sua coalizão e benfeitores no governo dos Estados Unidos, frequentemente todos de uma vez. Mostrou a sobreposição frequente entre seus objetivos pessoais, suas necessidades políticas e o interesse nacional. Acima de tudo, destacou como Netanyahu instrumentalizou a guerra — seja em Gaza, Líbano ou neste caso Irã — em parte para permanecer no cargo. "O plano para atacar o Irã foi a única coisa que impediu os Haredim de dissolver o governo", disse Israel Cohen, apresentador de rádio Haredi e confidente de Gafni. "E Bibi sabia disso."

'As tremendas conquistas em Gaza'

Ao longo de 12 dias de guerra com o Irã, Israel infligiu danos duradouros aos programas nuclear e de mísseis balísticos do Irã, acabou persuadindo Trump a enviar aviões de guerra americanos — os mais poderosos do mundo — para terminar o trabalho. Embora a extensão dos danos ainda não esteja clara, o ataque foi rapidamente interpretado em Israel como uma vitória. Até os críticos domésticos mais duros de Netanyahu o [elogiaram](#) por sua ousadia em iniciar o ataque e sua engenhosidade em persuadir Trump a se juntar a ele. De repente, o partido de Netanyahu estava em uma posição de pesquisa mais forte do que em qualquer ponto desde o início da guerra de Gaza. Por sua vez, isso renovou especulações de que ele poderia finalmente ter a [liberdade política para ignorar seus aliados de extrema-direita](#), concordar com uma trégua em Gaza, renovar conversas com a Arábia Saudita para um plano de paz regional transformador — e convocar uma nova eleição.



The Jabalia refugee camp in Gaza on Jan. 5. Credit...Ziv Koren/Polaris

"Em 7 de outubro, ficamos à beira de um abismo", Netanyahu [disse](#) em um discurso logo após o fim da guerra do Irã. "Suportamos o desastre mais horrível da história de nosso estado. Mas graças aos esforços combinados do governo, das forças de segurança e vocês — o povo —

conseguimos nos recuperar e lutar de volta ferozmente." Ele continuou: "E às famílias enlutadas, eu digo: seus entes queridos, nossos heróis, não caíram em vão. Pois foi o heroísmo e sacrifício deles que nos permitiu quebrar o eixo iraniano."

No entanto, mesmo que seu aparente triunfo no Irã tenha lhe comprado tempo e opções em Israel, são suas ações em Gaza que podem definir o legado de Netanyahu no exterior. Quer a guerra em Gaza termine amanhã ou em vários meses, ela já matou mais de 55.000 pessoas. Cerca de dois milhões foram deslocados. A maioria dos edifícios já foi [danificada ou destruída](#). A fome é [generalizada](#). A busca diária por comida se tornou uma armadilha distópica da morte na qual grupos de civis são [regularmente mortos](#) quando se aproximam dos poucos locais que distribuem ajuda.

O ataque brutal do Hamas a Israel foi o que desencadeou a guerra. Ao se recusar a se render, e ao se infiltrar em e sob [hospitais](#), [casas](#) e [instalações da ONU](#), o Hamas também carrega responsabilidade pelos horrores que se seguiram. E em suas respostas iniciais às atrocidades do Hamas em outubro de 2023, Netanyahu agiu como qualquer primeiro-ministro israelense poderia ter agido em seu lugar. Mas conforme o conflito se transformou de uma batalha existencial em uma guerra de atrito — e conforme outros líderes israelenses [questionaram](#) a lógica por trás de sua continuação — foi Netanyahu quem a arrastou. Foi Netanyahu quem se recusou a planejar uma transferência de poder pós-guerra, e foi Netanyahu quem repetidamente atrasou chegar a um cessar-fogo. Temendo por sua própria sobrevivência política, Netanyahu amarrou seu destino aos sonhos de extremistas israelenses e prolongou a guerra para sustentar seu apoio.

Através de uma sequência de eventos imprevistos, Israel está, por algumas interpretações, mais seguro como resultado. A derrota de Israel do Hezbollah, o colapso do governo sírio e o ferimento do Irã — tudo isso pode não ter ocorrido se a guerra tivesse terminado no verão de 2024. E embora Netanyahu não pretendesse inicialmente buscar essas vitórias, ele foi ágil o suficiente para identificar janelas de oportunidade conforme elas subitamente se abriram no Líbano e Irã, e ele tomou ações ousadas que se elevaram a esses momentos.



Netanyahu at the Western Wall in Jerusalem on June 12, a few hours before the strikes on Iran. Credit...Ziv Koren/Polaris, for The New York Times

De outras maneiras, Israel está menos seguro do que nunca. Sua reputação está em seu nível mais baixo de todos os tempos. A Corte Internacional de Justiça está avaliando se Israel, fundado no rescaldo de um genocídio, é culpado de cometer outro. A Corte Penal Internacional emitiu um mandado de prisão para o próprio Netanyahu. Netanyahu supervisionou uma das catástrofes do século XXI, uma que provavelmente manchará o nome de Israel por décadas.

Mas para Netanyahu, houve um benefício permanente. Ele sobreviveu.

Adam Rasgon e Johnatan Reiss contribuíram para a reportagem.